



MORADIA E CULTURA EM TERRITÓRIO DO CERRADO – O ASSENTAMENTO CANUDOS (GOIÁS)

Ana Carolina de Oliveira **Marques**¹; Eguimar Felício **Chaveiro**²

(1 - Universidade Federal de Goiás, Mestranda em Geografia; carol.geografia@hotmail.com, 2 -
Universidade Federal de Goiás, Docente, eguimar@hotmail.com)

Resumo: Com o intuito de interligar cultura, política e transformação espacial, analisar-se-á o modo pelo qual a moradia no Assentamento Canudos-Go faz elo com a dinâmica territorial do Cerrado goiano. Para a realização do trabalho contou-se com vários expedientes metodológicos, como trabalho de campo guiado por um roteiro previamente estabelecido; levantamento de dados e, posteriormente, a sua organização em representações cartográficas; entrevistas com lideranças do MST-Canudos e, especialmente, no acervo teórico do grupo de pesquisa “Abordagem Territorial do Cerrado” – IESA-UFG. O pressuposto central da pesquisa advém de uma posição: a moradia, o morar e morador possuem uma conotação política, pois fazem uma ligação ativa com as esferas sociais que formam o sujeito e dinamizam a sua vida. Além disso, serão interpretadas as metamorfoses ocorridas no Cerrado nas últimas décadas, averiguando as contradições e os conflitos gerados pelo modelo de apropriação instaurado em Goiás.

Palavras-chave: moradia, cultura, território do Cerrado, Canudos, Goiás.

HOUSING AND CULTURE IN TERRITORY OF THE CERRADO - THE CANUDOS SETTLEMENT (GOIÁS)

Abstract: Seeking to link culture, policies and spacial transformation, one will analyze how the housing in Assentamento Canudos - GO relates to the territorial dynamics of the Cerrado in Goias. Several methodology devices were employed in this effort, including fieldwork guided by a preestablished itinerary; data gathering with subsequent organization into cartographic representation; interviews with leaders of MST-Canudos and, especially, with the theoretical



repository of the research group "Cerrado territorial approach" – IESA-UFG. The core assumption of this research comes from one position: the housing, the act of inhabiting and the dweller have a political connotation, since they are actively linked to the social spheres that constitute the subject and dinamizam his/her life. Additionally, one will interpret the changes the Cerrado has undergone over the last decades, ascertaining the contradictions and conflicts generated by the appropriation model adopted in Goiás.

Keywords: housing, culture, Cerrado territory, Canudos, Goiás.

VIVIENDA Y CULTURA EN TERRITORIO DEL CERRADO - EL ASENTAMIENTO CANUDOS (GOIÁS)

Resúmen: Con la intención de conectar cultura, política y transformaciones espaciales, analizase el modelo por el cual la vivienda en el Asentamiento Canudos-GO se entrelaza con la dinámica territorial de el Cerrado en Goiás. Para realizar el trabajo se cuenta con varios expedientes metodológicos, como trabajo de campo guiado por un libreto establecido, levantamiento de datos y posteriormente, a su organización en representaciones cartográficas; entrevistas con líderes de el MST-Canudos y especialmente, con el repertorio teórico de el grupo de investigaciones “enfoque territorial de el Cerrado” – IESA-UFG. La hipótesis central de la investigación proviene de una postura: el habitat, habitar y habitante tienen una connotación política, debido a que hacen un enlace activo con las esferas sociales que forman al sujeto y dinamizan su vida. Además, serán interpretadas las metamorfosis ocurridas en el Cerrado en las últimas décadas, averiguando las contradicciones y los conflictos generados por el modelo de apropiación instaurado en Goiás.

Palabras-clave: vivienda, cultura, territorio del Cerrado, Canudos, Goiás.

INTRODUÇÃO

É comum o termo cultura referir-se a um conjunto de ações, artefatos, processos e representações em separado da noção, por exemplo, de economia, sociedade, política. Dessa separação a ideia de cultura pode insuflar uma gama de compreensões equivocadas e dualistas, como a possível existência dos sujeitos “cultos” e dos “não cultos”; dos adeptos da cultura



popular *versus* os adeptos da cultura erudita; da existência de “culturas superiores” e de “culturas inferiores”.

A visão dualista de cultura se estende ao nomear condições e situações materiais de um lado e condições e situações imateriais, do outro lado. Este modelo interpretativo que externaliza a cultura pode redundar em outro tipo de fratura: a posição de um mundo objetivo separado do mundo subjetivo; ou das chamadas esferas reais distantes das esferas simbólicas.

Noutra circunstância, noções como “o homem é, foi e será totalmente cultural”, ou “o que existe no humano é a vitória da cultura sobre a natureza”; “a história humana é a exemplificação do poder da cultura sobre o instinto”, também podem cair numa generalização que inviabiliza a compreensão das nuances, das diferenças, das propriedades específicas e singulares e das mediações da cultura com outros campos humanos e sociais.

A proposta deste trabalho decorre de uma vontade de construir uma interpretação da cultura no campo das organizações e das lutas sociais; objetiva também exemplificar esse pressuposto por meio de uma condição espacial: a moradia. Para dar cabo ao objetivo, tomar-se-á como referência espacial, o assentamento Canudos, localizado no território do Cerrado goiano.

Uma interrogação será o centro das reflexões: como a cultura do morar estabelece conexões com as transformações do Cerrado goiano, notadamente a partir dos processos de sua modernização territorial? Outro questionamento ajudará a compor as reflexões: o morar pode traduzir-se num ato político?

1. *O TERRITÓRIO DO CERRADO*

A palavra Cerrado ganhou força apenas recentemente em comparação a longa história desse bioma. Embora o sentido da palavra seja recente, ela tem sido propagada na voz das instituições contemporâneas quase como uma religião. Do mesmo modo pode-se dizer que a atenção aos biomas e aos ambientes é, no pleito histórico, também recente. Isso exige interpelar o discurso, perguntar o seu logro, descobrir a consciência e/ou ideologia que está sendo edificada; exige interrogar também os lados, o “dentro” das vozes, quem fala e por que fala; os externos que a pronunciam.



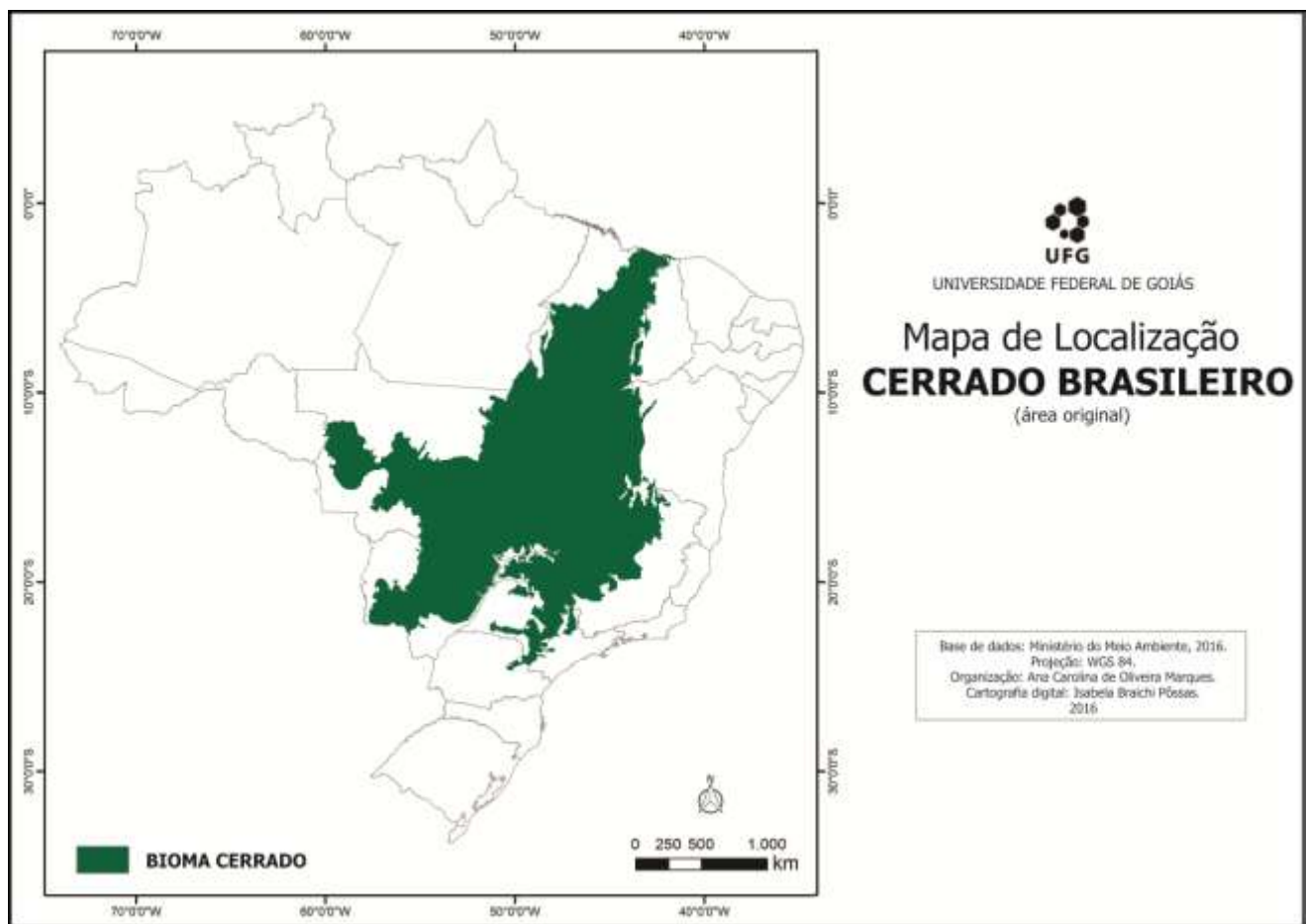
Durante longo período o Cerrado foi silenciado na ordem da produção científica e da operação política do Estado. Falava-se em Amazônia, Pantanal, Caatinga, Mata Atlântica. Porém, hoje é uma imagem bajulada. Observa-se que do silêncio ameaçador, de antes, ao grito oportunista, de hoje, há uma correspondência com a incorporação de suas áreas, lugares e regiões como importante fronteira agrícola da expansão capitalista no campo. E no território brasileiro.

Da representação que o conduzia a um ostracismo ou de forma preconceituosa, hoje, a sua identificação reluzente, com frequência, é recheado de confusão: ora nomeia-o a partir apenas das fitofisionomias, ora encerra-ou apenas como uma região; ora como cultura ou economia.

Uma análise geográfica do Cerrado pode analisá-lo como um bioma-território, noção que o identifica por variáveis e categorias como natureza; posição; localização (vide mapa 1); formação socioespacial. Os estudiosos quase sempre desenvolvem caracterizações do Bioma. Geralmente apresentam-no como:

- Cumeeira da América Latina
- Caixa d'água da América Latina
- Centralidade estratégica
- Reino da biodiversidade e da sociodiversidade
- Patrimônio farmacopopular
- Mosaico de ambientes
- Sistema biogeográfico em situação de climax
- Biocenose complexa
- Localização a partir da ligação com outros biomas (Ecótono) – na fronteira do pantanal, floresta amazônica, caatinga, mata Atlântica

Essa referência ecológico-ambientalista se encerra nos limites físicos do Bioma Cerrado, abaixo representados (Mapa 1):



Mapa 1- Localização do Cerrado Brasileiro (área original) - Brasil.

Além das caracterizações, outras fontes e abordagens são implementadas, desde uma leitura da sua base física-territorial; os conflitos de sua apropriação, incluindo uma compreensão holística na qual entende-o por meio da função ecológica de seu vivente, até uma visão geopolítica evidenciando a sua importância na captura do oeste brasileiro, ou como ponte entre o sul e o norte brasileiros.

Na ótica da leitura holística, observa-se o nome das plantas, os apelidos populares, as maneiras pelas quais os povos tradicionais geram saberes, desenvolvem condutas éticas de respeito às águas, constroem cosmologias centrando-se na luz, na chuva, nos rios. Em muitos casos, operam-se visões míticas, místicas e mágicas, contrapondo-se aos modelos funcionais e economicista, porém não se preocupando decisivamente com os conflitos de sua apropriação.



Ao interpretá-lo como bioma-território, convém assegurar: o Cerrado atual tem uma matriz internacional. Isso é exposto assim:

A geopolítica foi, sem dúvida, a via modernizante do território do Cerrado que ao articular interesses públicos e privados, nacionais e internacionais, estruturou um conjunto de medidas destinadas a implantar um novo processo produtivo nas terras do planalto central...as ações estratégicas se deram em três momentos distintos – implantação do Estado Novo (1930); plano de metas JK (1956); regime militar (1964) (INOCÊNCIO, 2012 p. 1).

Conforme as palavras da autora, o Cerrado tem sido estratégico para o desenvolvimento, a expansão e a interiorização do capitalismo no Brasil. A investida do Estado brasileiro por meio de políticas governamentais no território cerradoeiro tem ligação estreita com os interesses econômicos hegemônicos advindos da economia capitalista.

Resulta desse processo, a transformação do Cerrado num dos principais corredores produtivos do país; numa região profundamente urbanizada; e num território desigual disputado pelos grandes negócios de grãos, carne, bioenergia e *commodities*. Se o processo de modernização territorial foi a alavanca da internacionalização do Cerrado, o movimento social formado de trabalhadores agiu e reagiu por aqui.

De maneira que os sentidos da apropriação do Cerrado e as suas imagens são também disputadas. Pode-se sintetizar: a denominada esfera espiritual baseada nos saberes, nos modos de vida, nas festas, inclusive na maneira de falar, representar e de morar foi impactada severamente pelo modelo economicista que se abateu no Cerrado. Em decorrência disso os atributos simbólicos e culturais são, também, objetos de disputas e de concepções diferenciadas, entre, por exemplo, o agronegócio e o MST, entre os grandes pecuaristas e as populações tradicionais.

2. MORADIA, CULTURAE TRABALHO

“A cultura sem o trabalho é uma coisa decorativa e até enjoativa”.

Alfredo Bosi – Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea
Escola da Cidade, setembro de 2015.



Ao evocar o trabalho como constituinte da cultura, Bosi (2015), lança a compreensão da cultura no espaço vivido. Nessa direção, trabalho, espaço social e cultura, ao se fazerem em movimento, atribuem novas formas e conteúdos às práticas sociais. Com o morar, não é diferente.

A palavra “moradia” tece uma cadeia de significantes composta pelo objeto morado (a casa, a oca, a caverna, o apartamento); aquele que mora (o morador, o habitante, o residente, o anfitrião, o inquilino, o hóspede) e o ato de morar (hábitos, costumes, mobilidade). Como plano de fundo dessa cadeia, encontra-se o contexto ideológico socialmente constituído.

O contexto ideológico pode ser compreendido como a composição de ideias possíveis num determinado arranjo de forças econômicas, políticas e culturais. Nessa direção, passam por ele não só o objeto, a moradia, mas o morador e o ato de morar.

O fato é que a moradia no Assentamento Canudos põe um desafio de ordem teórica-metodológica: ser vista à luz das transformações no/do Cerrado e do mundo contemporâneo. As tendências arquitetônicas do espaço construído, os novos mecanismos de luta pela terra, as demandas existenciais dos sujeitos envolvidos, os projetos de desenvolvimento territorial em disputa, os atores, os eventos e as possibilidades do período são variáveis e situações que medeiam o tema.

As chamadas leituras conjunturais vêm sendo realizadas na academia universitária, no movimento social, na esfera política. Os “achados” dessas leituras apontam para a horizontalidade temática da luta pela terra em tempos atuais: é também a luta pela soberania alimentar, pela moradia digna e a preço acessível, pela garantia do emprego e do direito das minorias, pelo combate à violência urbana.

Na II Jornada Universitária em apoio à Reforma Agrária (JURA)¹, Valdir Minerovisk, uma das lideranças nacionais do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), sinalizou a preocupação do MST em expandir a bandeira da luta, propondo uma reforma agrária para além da questão camponesa. Ou seja: outros componentes da vida, incluindo a moradia, as práticas de gênero, étnicas, assim como o campo dos gostos culturais tornam-se ingredientes da luta, pois são ingredientes da vida.

¹ Realizada em abril de 2015, na Universidade Federal de Goiás/Goiânia, a partir da parceria universidade/movimentos sociais



O alargamento da atenção do Movimento Social em questão objetiva atender a um público vindo das cidades, desconhecedor das práticas agrícolas e, por certo, formado por signos culturais concernentes ao mundo urbano. E mais: há nesses sujeitos que despontam na luta, uma fragilidade nos afetos, como há medos, neuroses, expectativas, frustrações, *habitus* que veiculam projetos “falidos” da vida nas grandes cidades. E como conceber a moradia rural nesse processo?

O entendimento da moradia enquanto ativo financeiro do capital tem sido o ponto de partida de estudos, sobretudo no viés econômico da questão habitacional em Goiás (VIEIRA, 2014), no Brasil (BONDUKI, 2014) e no mundo (ROLNIK, 2015). Numa perspectiva macropolítica, estes estudos oferecem pressupostos teóricos universais: 1. A atuação do Estado na privatização do setor da moradia; 2. A hegemonia da fórmula arquitetônica moderna, projetada para um modelo de sociedade urbana-industrial-capitalista; 3. A expansão de uma “cultura do morar” centrada no consumo; 4. A segregação socioespacial nas cidades via conjuntos habitacionais “populares” desprovidos dos serviços urbanos.

Em meio aos movimentos “pró-capital”, percebe-se, na perspectiva micropolítica, a emergência de um “habitante global”: aquele que, frente a avalanche de informações nos mais variados canais, é acometido de um desconhecimento do próprio lugar da existência (ROLNIK, 2014). A ideia esposada supõe romper com a cadeia de significantes outrora enunciada (morada, morador, morar).

Ao habitante global, os seus vínculos com o lugar e o tempo da existência perdem a preponderância, o que segundo Echeverri e Arias

representa en la época contemporánea una de las mayores crisis de la civilización, pues al estar en un lugar pero no conocer sus historias no existen vínculos afectivos con el; es decir no existe nada que nos guste o disguste de ese espacio como para tener una mirada, un sentir y un lugar de arraigo que lo convierta en hogar, en hábitat, no existe nada que nos motive a actuar y transformarlo, se vuelve un lugar desierto de sentidos y afectos, un espacio vacío de vida. (2014 p. 29).

Entorpecido no espaço-tempo, pode-se dizer que o habitante global adere à produção de “subjetividades maquínicas”, termo emprestado de Guattari e Rolnik (1986). O mapa dessas subjetividades se mistura a *habitus* de referências pulverizadas (FORBES, 2014). O esfalecimento das referências que já há algum tempo suportava a vida social – a aliança política-



poder, a figura de um pai (superego), a garantia do emprego, a esperança na superação das condições materiais de vida das gerações antecessoras – gera uma sensação de angústia generalizada.

Os hábitos do habitante global apontam para uma existência que, no mundo pós-guerra, está centrada no consumo. Alimentos, roupas, arquitetura, comportamentos, modelos de família se transformam em subterfúgios, quando “a impossibilidade de suportar a ausência e a necessidade de viver o excesso abre caminho para o aniquilamento de si” (POIAN, 2011 p. 32).

Diante das transformações no modo de subjetivação, novas representações de moradia se enunciam. O público e o privado se confundem nas redes sociais, quando as *selfies* tomam a casa como cenário e a insere no seio de uma cultura externalizadora. Morar na casa própria passa a ser afirmação num sistema de valores-mercadoria inscrito num regime de comercialização da moral (BAUMAN, 2010).

Nesse projeto de morar para o consumo, o cinema norteamericano desempenhou papel fundamental:

Hollywood, máquina perfeita na divulgação da maneira de morar americana, que incluía eletrodomésticos, automóvel, o marido no papel do forte, inteligente, lógico, consistente e bem-humorado provedor, e a esposa, no da intuitiva, dependente, sentimental, auto-sacrificada, mas sempre satisfeita gerenciadora de uma habitação impecavelmente limpa, agora elevada à categoria de bem de consumo. (TRAMONTANO, 1998, p.1).

As implicações desses e outros investimentos de “captura” do morar são objetos de reflexão no seio de Movimentos Sociais que atuam no campo. Haja vista que a autonomia camponesa passa necessariamente pelo habitat: lugar de moradia e trabalho. Ali o íntimo traveste-se de público, “*oikos*” e “*polis*” concatenam-se.

A moradia camponesa² contraposta à fórmula arquitetônica moderna (ROLNIK, 1985), resgata a dimensão cultural do habitat, visto além do edifício arquitetônico (ALVES e COSTA, 2012). Assim, pensar o habitat nessa perspectiva é considerar a ação dos sujeitos na

²Termos lançado pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) em 1998 e, atualmente, difundido pelo Movimento Camponês Popular (MCP): movimento camponês de caráter popular, autônomo, formado por camponeses militantes sociais, organizado em grupos de base nas comunidades rurais, criado no ano de 2008 no estado de Goiás.



construção dos lugares de vida. É superar a determinação material e econômica que percola inclusive os posicionamentos críticos do modelo hegemônico. Também nessa direção, Echeverri e Arias reconhecem que

El habitar es *oikos*, erigir, edificar, lugar del arraigo, de lo cotidiano, espacio donde amamos, odiamos, trabajamos, nos relacionamos, creamos lazos y afectos, donde hacemos y somos vida; emerge en la coligación del hábitat, el habitante y los hábitos, que se conjugan para que surjan los lugares y la vida que de ellos emana. (2014 p. 20).

A partir desse direcionamento de natureza ampla à questão da moradia, o estudo empreendido em Canudos caminhou para uma leitura do *status quo* da vida dos sujeitos assentados, entendidos como enunciadores – junto às geografias que desenvolvem – dos desafios postos à luta pela terra em território do Cerrado.

3. O ASSENTAMENTO CANUDOS

Na tríplice fronteira entre os municípios de Palmeiras de Goiás, Campestre de Goiás e Guapó (Mapa 2), Canudos situa-se não só num dos estados expoentes do agronegócio brasileiro – o estado de Goiás, mas nas mesorregiões Sul Goiano – zona de expansão primeira do capital agrário no estado – e Centro Goiano – base territorial da Região Metropolitana de Goiânia.

Com um clima tropical úmido, a região apresenta uma estação chuvosa que, em geral, estende-se de novembro a janeiro, período em que as precipitações pluviais variam de 1.200 mm a 1.500 mm. A temperatura média varia entre 20°C e 24°C durante o ano, e a umidade relativa do ar apresenta uma média mensal de 55%, elevando-se a 80% na estação chuvosa (PDA, 2003).

O principal rio da região é o Rio dos Bois, com aproximadamente 21.000 m de extensão, no qual desaguam o Ribeirão da Posse, o Ribeirão dos Pereiras, o Córrego da Serra, o Córrego Sabão, o Córrego do Boqueirão, o Córrego Sucuri, o Córrego Cascavel entre outros. Esses cursos d'água são, em sua maioria, do tipo perene, porém as águas subterrâneas – os poços de superfície – tendem a secar no período de estiagem.

Os solos, ainda segundo as pesquisas apontadas no PDA (2003), são rasos, incompatíveis com as práticas de agricultura e pecuária intensivas e apresentam limitações na capacidade de retenção de água, por isso altamente susceptíveis a erosões hídricas.

Mapa 2- Localização do Assentamento Canudos - Goiás/Brasil.



Na dimensão histórica, Canudos surge como um território construído à base de avanços e recuos, ocupações e despejos vivenciados por cerca de 850 famílias em 4 anos. Sua consolidação marcou, em território goiano, a visibilidade de uma cadeia de organizações sociais contrárias à política territorial implementada desde a colonização brasileira.

A conjuntura política nas décadas que antecederam a ocupação explica, segundo Melo (2007), o surgimento de frentes de contestação sindicais (Central Única dos Trabalhadores - CUT), partidárias (Partido dos Trabalhadores - PT) e intelectuais (Teologia e filosofia da Libertação, Geografia crítica). Contexto também da criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST - 1979), canalizador das forças na ocupação da Fazenda Palmeiras, sítio que daria origem ao assentamento Canudos.



Nas manobras realizadas pelas famílias ao longo de 4 anos de luta, o conhecimento geográfico da região foi recorrentemente acionado. Em busca de lugares estratégicos no que refere à mobilidade dos acampados e ao acesso aos recursos hídricos, as ocupações se deram em locais próximos a ribeirões, serras ou vias de grande circulação – a exemplo da BR-060. Pode-se dizer que a história de luta pela consolidação de Canudos se constituiu tão diversa quanto as paisagens sob as quais as famílias se assentavam.

Ainda na trajetória da luta pela terra em Canudos, ressalta-se a participação ativa de famílias advindas de assentamentos próximos. Tática que, segundo Melo (2007, p. 39), “demonstra o sentido de rede, responsável pelo agenciamento de forças e pelo sentido de compartilhamento entre os sujeitos de um mesmo propósito político”.

Findada a luta pela terra em 2001, partiu-se para a consolidação da base territorial do assentamento: loteamento, regulamentação dos beneficiários, edificações, serviços, acesso aos créditos.

A regra da conformação dos assentamentos de reforma agrária no Brasil tem sido o parcelamento em glebas. Os procedimentos são: 1º Obtenção de recursos; 2º Constituição do projeto – formação de núcleos provisórios de habitação e equipamentos coletivos; 3º Elaboração do Plano de Viabilidade Técnica – PVT; 4º Instalação definitiva do assentamento e 5º Emissão de posse ao assentado. Em Canudos o processo se deu diferente.

Após dois anos da emissão da posse definitiva da Fazenda Palmeiras, projetou-se o loteamento. A equipe responsável³ pela elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA, 2003), baseada em consultas populares, propôs a criação de 9 áreas, tendo como parâmetro as microbacias hidrográficas.

O padrão dendrídico da malha hídrica na região, de acordo com Melo (2007), favoreceu o traçado dos lotes. A influência de fatores geográficos na consolidação de Canudos não esgotou aí. O relevo e a densidade da vegetação foram critérios na distinção das áreas que suportariam ou não maior flexibilidade no traçado dos lotes, cuja intenção era promover a sociabilidade/cooperação entre as famílias a partir de territórios coletivos.

³Composta por pesquisadores do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, entre eles os professores Manoel Calaça (Coordenador da equipe) e Eguimar Felício Chaveiro (Vice-coordenador).



Os territórios coletivos se resumiam a núcleos de moradia ou agrovilas, circundados por espaços coletivos de criação de gado (pastagem) e lavoura. Os conflitos logo se instalaram e a experiência de organização cooperativista foi desfeita. Os terrenos de produção foram repartidos em unidades familiares.

Em artigo científico datado dos primeiros anos da caminhada do movimento, Fabrini (1986), criticou o projeto de desenvolvimento territorial do Movimento Social dos Sem Terra – MST - para os assentamentos. Segundo o autor, havia uma discrepância entre a natureza das relações tipicamente capitalistas propostas no sistema de Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA) e o modo de vida e de produção camponesa no Brasil. Enquanto, no primeiro, compartilha-se a ideia de que o desenvolvimento das forças produtivas (por meio da industrialização) conduziria à emancipação social e política dos camponeses – transformados em operários; no segundo, os princípios comunitários ultrapassam a esfera da produção. E mais: o MST equivocava-se quando atribuíam determinados impasses da revolução a características inerentes à sociedade camponesa, como o princípio da propriedade privada da terra e da correspondência imediata entre o trabalho e o consumo familiar.

Segundo Fabrini (1986), a reprodução do caminho tomado em revoluções democrático-burguesas não era acertada. O espírito de coletividade no universo camponês centrava-se nas relações de vizinhança, nos modelos de cooperação simples (mutirões, troca de dias), nas festividades etc. E não no sistema cooperativista operário.

O ocorrido em Canudos, e em outros assentamentos, contribuiu para a revisão da política territorial empreendida pelo MST. Sobretudo em Goiás, onde o processo de luta pela terra se iniciava e, aqueles que aderiam ao Movimento, possuíam *habitus* consolidados em sistemas de cooperação simples.

As políticas públicas também não haviam alcançado a capilaridade depois alcançada por programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Não havia o “caldo social” que garantiria a eficácia das cooperativas. Ou, como preferira Fabrini (1986), nunca foi necessário haver.

Inseridas no modelo radiocêntrico proposto nos núcleos de moradia, determinadas famílias construíram suas casas no intermédio entre o curso d'água e a vila, ou seja, no médio lote, a exemplo da parcela retratada na Figura 1.

Figura 1- Entrada de um lote na área 3B - Canudos(GO), 2015.



A casa localizada no centro-esquerdo da fotografia, distante das cercas frontais que circundam os núcleos de moradia, faz da imagem algo muito mais próximo da paisagem rural “clássica” do campesinato brasileiro que de uma vila.

A posição intermediária das casas denuncia a situação de fronteira que se formou a partir das agrovilas: entre a sociabilidade urbana ou semi-urbana das cooperativas/núcleos de moradia e a vida, a princípio “pacata”, do rural antigo.

3.1 Enfim, em casa.

Assiste-se, em território do Cerrado, a gradual substituição da casa rural pela casa urbana em espaço rural. Também como registro de uma considerável melhoria nas condições de vida de

populações rurais, as casas de pau-a-pique cobertas de palha cedem às casas modernas, construídas com materiais sintéticos tais como o vidro e o metal. Também a quantidade, a finalidade e a disposição dos cômodos em geral correspondentes à divisão proposta pela burguesia europeia oitocentista: dormitórios, área social e de serviços (TRAMONTANO, 1998).

Nos bastidores desse reordenamento habitacional estão a indústria da construção civil, os investidores e o Estado. Incentivos fiscais, políticas públicas, crédito, convênios são alguns dos mecanismos que potencializam a acumulação capitalista neste setor.

Todavia, a imposição de um padrão arquitetônico não se realiza na íntegra. Variáveis socioculturais e ambientais particularizam os espaços construídos. A fim de exemplificação, tecer-se-á breves considerações acerca da moradia de Maria (nome fictício) no assentamento Canudos. A Figura 2 retrata a fachada da residência:

Figura 2 - Fachada da casa de Maria - Canudos(GO), 2015.





Desenhada pela própria Maria – catarinense, casada, mãe de dois filhos – o edifício rompe com o estereótipo da casa rural, ao mesmo tempo em que exprime muitas aproximações, recorrentes no Brasil, entre a arquitetura popular e a erudita.

Se na casa burguesa, a sala de visitas é um cômodo glamouroso (ROLNIK, 1985), cartão postal da família, merecedor de investimento estético excepcional, na casa de Maria a sala não ocupa a centralidade (recebe-se as visitas na varanda), ainda que se façam presentes os móveis e equipamentos comuns às residências urbanas - televisão moderna, sofá, aparelho de DVD – e que estejam arranjados numa combinação “*design clean*”.

A varanda – de origem holandesa (RIBCZYNSKI, 1996) ou africana (WEINER, 2005) – os beirados no telhado, o quintal entre outros elementos presentes nos arredores da casa, são registros de um habitat historicamente construído à base de interferências culturais diversas. Única é a combinação desses elementos no lugar.

Mas a força do lugar e do contexto social na moradia de Maria pode ser compreendida frente ao vão que divide a casa em dois setores (vide Figura 3). Com paredes de cor vermelha, é uma espécie de espaço público: as cadeiras postas frente às outras denunciam o desejo latente do encontro.

Na posição central e mais elevada da fotografia, consta uma bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Timidamente, a charada geográfica se revela: a abertura que aparentemente era um vazio, abriga um dos ícones da vida do casal de militantes que habita a casa. É ali, e não no interior do edifício, o cenário onde os afetos encontram um plano de consistência (ROLNIK, 2014). Logo, o vão sugere a extensão da luta pela terra na casa e promove a fusão entre trabalho, cultura, resistência e moradia.

Figura 3 - "Vão" na Casa de Maria - Canudos, 2015.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Rancho. Casa de Pau a pique. Casa de adobe. Oca. Barracão. Puxadinho. Palafitas. Casebres de papelão. Casa colonial Portuguesa. Casa americana Barraca de lona. Barraca de folha de buriti. Barraca de bambu. Mansão. Saco de dormir. Trailers. Boleia de caminhão. E tantos outros formatos poderiam conduzir a um raciocínio elementar: esse ato primário – morar – impõe a apropriação espacial de um arranjo físico, cristalizado nesta palavra que pode se tornar uma metáfora: a casa.
- A casa está ligada ao morar; o morar está conectado ao morador. Esse é um sujeito do mundo, um sujeito social concretamente situado num modo de produção: o capitalismo. Essa condição invoca: morar é conflituoso.
- Nessa cadeia de significantes que o verbo morar evoca – o sujeito que mora, o objeto morado, o ato de morar e o contexto ideológico que a tudo sobredetermina – entendeu-se



as práticas sociais envolvidas na moradia no assentamento Canudos como documento das disputas territoriais pelo Cerrado na contemporaneidade.

- Mais que isso: a moradia em Canudos aponta direções aos Movimentos Sociais de luta pela terra em Goiás, pois a redefinição das posições sociais dos sujeitos passa, necessariamente, por alterações de ordem topológica. Localizar, posicionar, mover, movimentar no espaço são atributos da vida e ao mesmo tempo, da luta política.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Sandra A.; COSTA, Carmém L. Resistir na Terra: a luta pela moradia camponesa no Movimento Camponês Popular – MCP. *XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Uberlândia, 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anaisenga_2012/eixos/1180_1.pdf. Acesso em: set. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. Entrevista concedida em 2010. *Psicanalise e Humanidades*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GTu_bycoEEw. Acesso em: dez. 2015.
- BONDUKI, Nabil. Os pioneiros da habitação social no Brasil: volume 1. – 1 ed. – São Paulo: Editora Unesp: Edições Sesc, 2014.
- BOSI, Alfredo. *Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea*. Setembro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2FprGNQaQ90>. Acesso em: jan. 2016.
- ECHEVERRI, Ana Patricia de.; ARIAS, Diana Alexandra Bernal. Geografias del habitar: un habitar geopoético en la era planetária. In: **Geograficidade**, v.4, n.2, 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade>. Acesso em: abr. de 2015.
- FABRINI, João E. O projeto do MST de desenvolvimento territorial dos assentamentos e campesinato. **Terra Livre**, ano 1, n.1, São Paulo, 1986. Disponível: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/2.pdf>. Acesso em: nov. 2015.
- FORBES, Jorge. Provocações Psicanalíticas I. *XVI Jornadas Clínicas*. São Paulo: 2 de julho de 2005. Disponível em <http://www.jorgeforbes.com.br/print.php?id=106>. Acesso em: jun. 2015.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4 ed. – Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1986.



IBGE (Brasil). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Metadados – *Conceitos e definições*. Disponível em: <https://metadados.ibge.gov.br/consulta/glossario.aspx>. Acesso em: jan. 2014.

INOCÊNCIO, Maria Erlam. A dimensão geopolítica da fronteira agrícola no Cerrado. **Observatório Geográfico América Latina**. Disponível em: <http://observatoriogeografico.americalatina.org.mx>. Acesso em: ago. 2018.

MELO, Sandro Cristiano de. *No sopé da metrópole: implicações da relação cidade-campo na dinâmica socioespacial do Assentamento Canudos – GO* / Sandro Cristiano de Melo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

PDA. *Plano de desenvolvimento do Assentamento Canudos*. Universidade Federal de Goiás, 2003.

TRAMONTANO, M. *Habitações, metrópolis e modos de vida: por uma reflexão sobre a habitação contemporânea*. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil - SP / Secretaria de Estado da Cultura, 1998. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br>. Acesso em: mar. 2015.

POIAN, Carmem Da. O Mal-estar contemporâneo: buscando saídas. **Caderno Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 30-39, 2011. Disponível em: <http://www.cprj.com.br>. Acesso em: mai 2015.

ROLNIK, R. Lar, doce Lar (a história de uma fórmula arquitetônica). **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. ano 1, n. 3, 1985. Disponível em: <https://raquelrolnik.files>. Acesso em: jan. 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247 p.

RYBCZYNSKI, Witold. Intimidade e Privacidade/Domesticidade/Comodidade e Encanto. In: *Casa: pequena história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. p. 28 a 109.

VIEIRA, Rosângela Viana. *A reprodução do espaço na metrópole: a habitação como negócio urbano*. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

WEIMER, Gunter. Arquitetura popular: algumas referências especiais. In: *Arquitetura Popular Brasileira*. São Paulo: Editora Martins fontes, 2005. p. 277 a 316.